

Conrad e a razão cínica.

Conrad and the cynical reason.

Valmir Percival Guimarães

Mestrando em Estética e Filosofia da Arte/PROOP-UFOP

RESUMO: “Conrad e a razão cínica” objetiva a comparação da literatura de *Coração das trevas* (1899) do autor inglês Joseph Conrad (1857-1924) juntamente com o conceito de cinismo antigo e moderno. Peter Sloterdijk (1947) propõe a retomada do cinismo antigo e a renúncia do cinismo moderno, pois a dinâmica desse último é ambivalente e na obra de Conrad, enevoa ou torna tênue a linha entre a liberdade e a domesticação.

PALAVRAS-CHAVE: CINISMO; CONRAD; LITERATURA; LITERARIEDADE; VERDADE.

ABSTRACT: "Conrad and the cynical reason" objective the literary comparison of the "Heart of Darkness" of the English author Joseph Conrad with the concept of ancient and modern cynicism. Peter Sloterdijk (1947), proposes the resumption of Greek Cynicism and the resigning of modern cynicism because its dynamic is ambivalent and in Conrad's work, fogs the fine line between freedom and domestication.

KEY-WORDS: CYNICISM; CONRAD; LITERATURE; LITERALNESS; TRUTH.

1. Introdução

Investigaremos a partir de uma base filosófica, a noção do conceito de cinismo retomada e reformulada por Peter Sloterdijk. Noção essa conexas ao conceito de cinismo grego que, por sua vez, se inscreve em uma longa tradição do pensamento ocidental que, ao contrário, é tão cara as reflexões contemporâneas na arte. Em nossas bases conceituais veremos que o cinismo grego aparece nos primórdios

do que podemos chamar de civilização ocidental e se conformou como uma grande linhagem filosófica que ganhou contornos significativos na modernidade. Nos termos contemporâneos a ideia de cinismo aparece sob as mais diversas formas, desde as instancias privadas às públicas. Assim, a partir de uma comparação entre o cinismo grego e o cinismo moderno representaremos o último propriamente à luz da literatura *Coração das trevas* de Joseph Conrad.

2. Breve nota a respeito da concepção cinismo: Passado & Presente

A palavra cinismo que empregamos na linguagem cotidiana carrega um sentido eminentemente negativo: refere-se à atitude daquele que não aceita nada como sagrado e que demonstra descaso pelas convenções sociais e pela moral vigente. O cínico é alguém que afronta as conveniências morais e que, movido seja por sarcasmo, deboche ou hipocrisia, se compraz em provocar e insultar valores e sentimentos sacralizados pelos outros. O cinismo no seu sentido vulgar pode ser o mero fingimento, a desfaçatez, a indiferença e a falta de escrúpulos. Portanto, o cinismo no seu sentido vulgar não tem a ver, ou melhor, se liga de algum modo a uma atitude marcada por algum tipo de compromisso ético; característica esta que definia de forma decisiva os antigos filósofos gregos que receberam pela primeira vez o nome de cínicos.

Mais adiante no século XIX, os alemães com o objetivo de manifestar a diferença entre o cinismo antigo e o moderno (vulgar), abandonaram o sentido corrente do cinismo mencionado anteriormente que até então servia para se referir tanto ao cinismo antigo, quanto ao moderno, e assim, adotaram a seguinte distinção entre *Zynismus*: para se referir à atitude cínica moderna que por sua vez herdamos por meio de nosso uso insultuoso e cotidiano do termo; e *Kynismus*¹: para designar o cinismo antigo, o comprometido com a liberdade de fala, com a ética² e com as ações. Em outras palavras, , em um dado momento da história, a palavra cinismo passa a ter a marca de uma “ambivalência essencial” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 13), cujo eixo de

¹ Ambas as palavras em alemão: “Kynismus” e “Zynismus” significam “cinismo” em Português. Por isso ambivalência se faz presente nesses termos.

² Cf. FUENTES GONZÁLEZ, 2002, pp. 203-251.

estruturação é uma atividade dinâmica cínica-*kynike*. E isso quer dizer que, a potência crítica *kynike*, incidiu a ser, *pejorativamente* entendida como se ela tivesse trocado de lado, ou melhor, assumido a “lógica dos senhores”. Como vemos, é importante destacar que a ambiguidade do termo cinismo remonta já à Antiguidade. No Império romano, por exemplo, vários autores se encarregaram de desmascarar os falsos cínicos, que andariavam pelas ruas do império em trajes andrajosos alegando serem discípulos de Antístenes e Diógenes, mas que não passavam de farsantes, enganadores e parasitas sociais. Além da distinção semântica da palavra cínico, com a crítica de Sloterdijk, é possível enxergar que, de um lado temos o *cinismo grego* de cunho moral e ético, e de outro, temos o *cinismo moderno*, que é amoral, egoísta e manipulador. Isso porque, o último faz uso de máscaras e véus em suas justificativas, e o primeiro, ainda na Antiguidade clássica não hesitava em fazer uso da verdade nua e crua.

No entanto, a origem do termo “cínico” *kunikos*, que em grego significa "parecido com um cão", é uma questão aberta. Assim, ainda há duas hipóteses concorrentes que explicam a origem do termo “cínico” utilizando a figura de Antístenes; e ainda, há uma terceira hipótese que menciona a figura de Diógenes de Sínope. A primeira hipótese é parte do fato de que Antístenes foi o primeiro a ter ensinado nas *Cynosarges*, que em grego pode significar "Cão rápido", ou mesmo "A carne do cão". O *Cynosarges* é um ginásio e um templo para a aqueles indivíduos sem cidadania ateniense, ou que nasceram de um escravo, de um estrangeiro, ou de uma prostituta, ou que são filhos de pais que não são legalmente casados. Outra hipótese é a de que a palavra teria se derivado do apelido de Antístenes *Haplokuōn* que provavelmente significa um “cão puro” e “simples”, apelido que pode ter sido lhe atribuído devido ao seu modo rude de vida.³

Se Antístenes não fora o primeiro a ser chamado de cínico, a origem desse termo, provavelmente alude a Diógenes de Sínope que alertava que qualquer sofrimento inútil exigido por costume social, família, negócios ou política não valia a pena. O seu treinamento – ou a *áskesis* era para lutar contra adversários existenciais como exílio, pobreza, fome e morte, sendo esta a única batalha que valia a pena ser vencida. E viver de acordo com a natureza para Diógenes era viver segundo a liberdade e autonomia dos animais. Desse modo ele

³ Cf. PIERING, 2006.

desprezava a organização formal das coisas, tal como a sistematização das doutrinas, contrapondo a com o seu comedimento inventivo, improvisado e bem humorado. Vale dizer que o seu antecessor Antístenes, já afirmava que para se obter a virtude não eram necessárias teorias racionais.

As provações que a vida civilizada impunha, embora soassem como más para os cínicos, eles procuravam suportá-las e se recusavam a considerá-las más. Para a aquisição desse estado mental persuadiam a si próprios e aos outros a praticar uma vida em acordo com a natureza e, para tal, era necessário treinamento para dormir no chão, comer e se vestir com simplicidade. Nesse sentido, vale ressaltar que a liberdade da agitação emocional - *apatheia* e a independência do mundo exterior era a busca dos filósofos cínicos, da mesma forma que tanto a autonegação por si só, quanto a serviço de qualquer meta transcendente era inexistente na concepção da filosofia cínica. Diógenes gostava de dizer que era um homem que não tinha cidade, casa ou pátria. Ele era uma espécie de mendigo que vivia apenas de um dia para o outro, carregando apetrechos como uma sacola com tudo o que possuía: um bastão e uma túnica que era a sua única vestimenta que também era usada como cobertor no período de inverno. O seu cosmopolitismo se dá por ele ser um dos primeiros homens, antecedido por Sócrates com a sua célebre frase que afirmava ele ser um cidadão do mundo, por isso preferia não se definir nem como ateniense nem como grego. Sobretudo, Diógenes de Sínope afirmava um cosmopolitismo relativamente raro em seu tempo: Senão, vejamos: “Eu sou cidadão do cosmos”, ou, quando escreve: “O único bom governo é o do cosmos.” (MOLES, 2007. p. 123)

Assim desse modo, indubitavelmente vemos que Diógenes carrega a defesa do gérmen do proto-internacionalismo na Antiguidade, uma vez que o próprio refuta todas as identidades vinculadas às cidades-estados e povos antigos, e ainda nega a imprescindibilidade da pólis - *apolis*. Desse modo vemos que a cega aderência à sociedade é renunciada quando Diógenes sacrifica a sua identidade social, em favor de se enveredar pelo “*caminho mais curto*” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 228) em direção à verdadeira vida, evitando com isso, “o longo desvio da civilização para satisfazer suas necessidades” (SLOTTERDIJK, 2012, p. 230).

Diferente dos filósofos que pensam que a multidão não é capaz de entender a verdade, ou dos que preferem os seus gabinetes, os cínicos gregos, tal como Diógenes, preferem o espaço público e a interação com

gente simples, assim, como consequência já pré-estabelecida, temos a sua pobreza teórica. Desse modo, basicamente a transmissão de conhecimentos era superada nessa filosofia pela estratégia metafórica de armar os seus interlocutores para a vida, tornando-os mais aptos às suas adversidades. O filósofo alemão Sloterdijk, diz que da mesma forma que os mestres “zen japoneses”, Diógenes instrui na própria eficiência de não instruir - “um mestre avesso a ter discípulos imitando-o”. O que ele faz, é muito mais zombar das necessidades, do que, como a maioria, troca-la pela liberdade. Desse modo, conclui-se que o fato de ter necessidades, não faz com que esse autêntico cínico se preste a ser feito de “gato e sapato” (SLOTERDIJK, 2012, p. 220).

Para Diógenes, o luxo pode agradar ao sábio, mas o sábio pode passar sem ele. Esse cínico antigo tem como ferramenta o esforço constante - *áskesis*, ou a disciplina de um atleta; para cínico grego, esse termo não tem somente um sentido metafórico, mas tem também o sentido estrito de direcionar o treinamento diário com o propósito de conter a vontade e assim, aumentar a resistência. Desse modo vemos que o cinismo grego foi o primeiro a conectar inteligência, ausência de necessidades e felicidade. Diógenes era aquele que preferia não ter teoria para si ou “uma teoria para as coisas decisivas da vida” (SLOTERDIJK, 2012, p. 224), a sua filosofia é a responsabilidade de assumir para si, serenamente, as adversidades e perigos da existência. Assim, a filosofia do cinismo grego nada tem a ver com problema de ordem melancólica, ou melhor, que aflige ao existencialismo moderno. O cínico antigo afasta-se da política. Ele se auto valoriza e não é aliado do poder. Pode se dizer que o cínico grego não se importava com as consequências dos seus atos que denotavam coragem, tanto os atos que correspondiam à prática de uso de poucas necessidades, quanto os atos que se configuram em um discurso dotado de uma fala indiscriminada e ao mesmo tempo comprometida com o anúncio da verdade. Basicamente, os cínicos não se importavam com as consequências dessa enunciação parresíastica. Assim, a sua fala indiscriminada era basicamente a fim de fazer valer a sua condição de liberdade, ou melhor, fazer valer como o seu estatuto de sujeito se vincula propriamente ao próprio ato de dizer a verdade.

Além disso, o cinismo grego é a afirmação de si por via da ambiguidade de sua representação e práticas. Como vemos, a condição da liberdade é primordial para que ele possa dizer ao príncipe a verdade quando este se aproxima do barril. Também ela o é, quando ele sai à

procura de homens com sua lanterna;⁴ por via dessa pantomímica, sua filosofia é posta às claras, e não se escondendo por detrás de uma “linguagem erudita e complicada” (SLOTERDIJK, 2012, p. 226). Essa pantomímica com a lanterna, além de expressar sua filosofia, mostra que o cínico grego está à procura de sujeitos autárquicos (livres e senhores de si) e não de “seres mal- formados” (SLOTERDIJK, 2012, p. 226). Segundo a tradição, Diógenes foi inculcado por uma entidade divina a falsificar o valor da moeda.⁵ Com isso, quando ele troca a efigie da moeda por outra, fazendo a falsa circular como a verdadeira, ele mostra que a troca da imagem da moeda faz com que a verdadeira vida desabroche, ou, que o véu da falsidade se desfaça. Diógenes de Sinope, sobretudo, procurava “eliminar a moeda falsificada da sabedoria convencional para dar espaço à vida cínica autêntica” (GOULET-CAZÉ; BRANHAM, 2007. p. 18). Assim, o valor a aproximação entre moeda e costumes são transvertidos, mas não deixados de lado. Já na interpretação de Sloterdijk, esse “filósofo procura interpretar sua própria forma de vida. Portanto, essa é a contra imagem terapêutica da desrazão social” (SLOTERDIJK, 2012, p. 226).

Como vemos a liberdade para a velha escola cínica era um riso destemido, um discurso livre - *parresia*, que tinha como intuito abalar o interlocutor. A intenção deles era fazer com que as pessoas abandonassem a sua falsa vergonha. A exemplo disso, consideremos o seguinte exemplo trazido por Diógenes Laércio:

Alexandre, o Grande, encontrou Diógenes olhando atentamente para uma pilha de ossos humanos. Perguntado por Alexandre o que fazia, Diógenes disse:- Eu estou olhando para os ossos de seu pai, mas não consigo distinguir dos de um escravo. Alexandre, o Grande: - Sou Alexandre, o grande, Você não tem medo de mim? – Diógenes: - E você é uma coisa boa ou ruim? Alexandre, o Grande: - Uma coisa boa. Diógenes: - Quem, então, tem medo do bem? (LAERTIOS, 2008, p. 58, grifo do autor)

A postura filosófica do cinismo grego era vinculava a busca da virtude por via da negação, portanto, diz Luis E. Návia (1940) no seu livro, *Diógenes, o cínico* que leis, costumes e tudo que fossem construtos humanos para os cínicos eram artificiais. Também Navia ao

⁴ Ver LAERTIOS, 2008, p. 162.

⁵ Cf. LAERTIOS, 2008, pp. 20-21.

distinguir Diógenes dos outros filósofos diz que a sua singular reação para com o mundo tornou se relevante não somente para o seu tempo e cultura, afinal:

Os elementos da natureza humana que ele (Diógenes de Sínope) denunciou permaneceram inalterados, e a confusão intelectual, assim como a depravação moral de seus contemporâneos, não mingou com o passar do tempo. (NAVIA, 2009, pp. 153-154)

Desse modo vemos que Diógenes ultrapassou as fronteiras do seu tempo e assim, o que denunciava outrora, ainda em nosso tempo continua inalterado. Por fim, reconhecer a pobreza espiritual e a depravação moral do mundo e por via da liberdade de fala ser capaz de denunciá-la sem refletir a propósito das consequências é o que distingue Diógenes de Sínope de outros homens do seu tempo e do nosso, afirma Navia.⁶

2.1. Breve nota a respeito de Kurtz de *Coração das trevas à luz da razão cínica*

Vemos que a liberdade em todos os pólos é fortemente defendida na filosofia do “Cão” que se sustenta com a auto-suficiência - “*autárkeia*” e a liberdade de falar a verdade - “*parresía*”. Por conseguinte, em a *Crítica da Razão Cínica* (1983), Sloterdijk destaca que no nosso tempo, enquanto falsa consciência, o cinismo é um fenômeno generalizado e encontra-se nos mais diversos campos: da vida privada à religião. Para o filósofo contemporâneo alemão, a origem do atual cinismo está vinculada à perda das ilusões iluministas. Tal perda resultou em um dos problemas mais caros da sociedade atual, nesse caso, a indiferença. Sloterdijk, ainda, frequentemente provocador e astuto, desconstrói as raízes do esclarecimento, que, ao solapar os idealismos vigentes, plantou os alicerces de um cinismo generalizado. Sobretudo, ainda em nosso tempo, o ideal da razão ressoa com seu objetivo, ao contrário alcançado; pois, ao invés de uma sociedade racional que obtivesse o controle de todos os anseios natos do homem enquanto animal dotado de razão; ocorre nesse mesmo homem a fruição

⁶ Cf. NAVIA, 2009, pp. 153-154.

da indiferença e também da abnegação e/ou desinteresse do seu entorno social.

Coração das trevas de Joseph Conrad caracteriza-se como uma narrativa de procura, ou melhor, de demanda. A procura daquele que se configura no eixo da ação, sendo ele o personagem-protagonista principal da aventura de Conrad. O autor coloca seu nome de Charles Marlow.⁷ O objeto que Marlow almeja é, sobretudo Kurtz, “um homem de qualidade, [...]o iluminante, mais exaltado e também mais miserável, a palpitante corrente de luz ou o ilusório fluxo extraído ao coração de uma indevassável treva” (CONRAD, 2002, p. 58) . Desse modo, entendemos que acusar Kurtz de absorção da cultura do selvagem, “como seus inimigos o faziam (canibaliza-lo pelas danças eróticas engendradas por ele) é o mesmo que torna-lo objeto da representação possibilitada do seu etos branco” (LIMA, 2003, p. 225). Afinal, o Sr. Kurtz não é capaz de se auto-reconhecer, pois o seu senso de distinção entre o certo e o errado encontra-se arruinado. Isso porque afinal, “o todo (*in totum*) é rompido com as regras de permissão e proibição que demarcam uma cultura” (LIMA, 2003, pp. 225-6). Sobretudo a isso, para Costa Lima, o etos branco nesse período do imperialismo europeu da segunda metade do século XIX tinha em suas bases um sistema burguês, do qual Kurtz também outrora fazia parte; entretanto, a própria contabilidade burguesa, por sua vez regia-se por um sistema do qual era capaz de obrigar os envolvidos nesse contexto, a se sujeitarem à práticas e ações das quais recebem a mácula da indiferença e também, de acordo com o que lemos em *Coração das trevas*, de falta de senso de justiça.

Assim, vemos que o desvio de Kurtz na selva onde se encontrava é objetado por um procedimento automatizado. Nesse sentido, pondera Costa Lima: “o desvio culpabiliza, o automatismo oficializa a conduta legalizada.” (LIMA, 2003, pp. 226-7)

Particularmente inquietante, nesse sentido, é que *Coração das trevas* mais do que propriamente instaura a versão de um fato do seu presente histórico, mas também é capaz de refletir que o avanço das civilizações desencadeia a violência física e o horror. O branco representado no romance não demonstra arrependimento do projeto neocolonialista de que faz parte; isso porque o seu *ethos*, junto com o

⁷ Charles Marlow é recorrente na obra de Conrad que também foi marinheiro no Império Britânico no século XIX. Ele também é o narrador de outros romances do autor, como “Lord Jim”, “Chance” e “Juventude”.

seu valor deteriorado devido o contato com o território desconhecido, ainda faz com que esse homem branco se veja entre os dominados e dominadores, ainda isso, apesar de que é ele quem representa o comando daquele território pelas armas que porta. De acordo com o que lemos em Conrad, esse branco também não é capaz de entender esse mundo estranho.

Além disso, a supressão idealista dos costumes dos selvagens⁸ e a ideia de altruísmo representados no romance desfaz-se com a exploração e o genocídio engendrado pelo processo neocolonialista. Marlow na seguinte passagem nos dá esses elementos que são responsáveis por configurarem nosso entendimento.

Não estou a revelar segredos comerciais. Tempos depois, o administrador veio realmente a dizer-me que os métodos do Sr. Kurtz tinham arruinado o distrito. [...] mas desejo fazer-vos perceber que não havia vantagem nenhuma em estarem ali aquelas cabeças. (CONRAD, 2008, p. 70)

Só para delinear o horror por detrás da exploração que Kurtz desencadeia no posto que chefia, aludimos também a passagem do romance que relata a respeito do relatório que Kurtz escreve. Nesse relatório, Kurtz acena claramente para extermínio que ocorre com os nativos; a princípio, isso pode parecer uma mera-simples alusão aos seus poemas dos quais nada sabemos, entretanto, o que nos interessa de fato é o rabisco que há no final do relatório adjetivado como eloquente, e aparentemente falacioso. Dito isso, o rabisco de Kurtz imprimia a seguinte ordem no seu “pé de página”: “Exterminem todos os brutos” (CONRAD, 2002, p. 61).

Exterminar “todos os brutos”, é a prova que Kurtz não media esforços para atingir o objetivo econômico da demanda de matéria

⁸ Desse modo, é como se as nações europeias fizessem uso de um manto ideológico, onde missionários embrenham-se nas matas com a desculpa de que a palavra de deus estaria sendo levada aos nativos, ou melhor, selvagens. Tal manto sagrado, dessa suposta missão altruísta e civilizatória, tem como finalidade acabar com o tráfico, levando ainda consigo a luz da civilização europeia às trevas da barbárie.

prima retirada a fim de alimentar os anseios da commodity que o continente africano oferecia.⁹ Senão vejamos isso no próprio romance:

“... não existiam limites para o Sr. Kurtz quando se tratava de satisfazer os seus multiformes desejos e [...] faltava algo nele – uma pequena coisinha que, nos momentos de crise, nunca era encontrada por trás de sua esplêndida eloquência.” (CONRAD, 2002, p. 16)

Kurtz é o chefe de posto que mais acumulava matéria-prima para atender aos anseios do mercado europeu; mas também, entretanto diante disso tudo, deve se levar em conta os métodos dos quais esse “bom”, “nobre” e “justos procedimentos” se desenvolveram. Como exemplo disso é possível verificar na seguinte passagem remetida a Marlow: “eu também fazia parte da grande causa daqueles nobres e justos procedimentos” isso, ele diz logo depois de ter descritos negros acorrentados “equilibrando pequenos cestos cheios de terra sobre as cabeças”.¹⁰ No entanto, reparem que a sequência que a passagem acima descreve, incorre em uma contradição de termos indevidos; no caso: “nobres” e justos. Esses são utilizados como esclarecimento que também comprova o falso entendimento e/ou a desfaçatez de Marlow diante do processo que é testemunha.

Os meios são demasiadamente cruéis para atingir os fins deste empreendimento falsamente civilizatório impresso como pano de fundo. E peculiaridades-detalhes ilustradas (os) no romance, de modo algum podem ser encaradas apenas como falácia. Kurtz tem poderes de expressão muito maiores do que os que o rodeiam. Pois, o seu relatório é eloquente justamente pela forma em que começava: “com o argumento de que nós, brancos, tão desenvolvidos como estávamos, por certo parecíamos [aos selvagens] fazer parte das criaturas sobrenaturais”(CONRAD, 2002, p. 61). E com sua solene simpatia ele acreditava que a aproximação com os nativos tinha “um poder quase divino [...]. Pelo simples exercício da nossa vontade”, dizia Kurtz, “podíamos exercer esse quase ilimitado poder em nome do bem [...]” (CONRAD, 2002, p. 61)

⁹ Para uma elucidação maior a que referimos acima, favor conferir em CONRAD, 2002, pp. 19-26-8.

¹⁰ Para uma elucidação do que referimos, conferir em CONRAD, 2002, p. 28.

Como vemos, Kurtz é apresentado em grau superior a outros homens daquele cenário. Mas também Kurtz se limita à condição de um ser humano que é capaz de suspender às leis no seu território, promovendo com isso o horror através de métodos nada comuns que são justificados pela finalidade de obtenção de êxito no processo de exploração. Nesse sentido, ele é além de um bom explorador de matéria prima, um líder nato com autoridade no posto, e por ser assim, está sujeito à crítica e ao enfreamento que decorrem de suas ações desumanas.

Contudo nesse ponto podemos concluir que essa é a mola motriz que faz com que a viagem de Marlow até a desembocadura do rio do Congo aconteça com a finalidade de resgatar esse mito propagador do terror. Vejamos: “Não estou a revelar segredos comerciais. Tempos depois, o administrador veio realmente a dizer-me que os métodos do Sr. Kurtz tinham arruinado o distrito. [...] mas desejo fazer-vos perceber que não havia vantagem nenhuma em estarem ali aquelas cabeças” (CONRAD, 2002, p. 70). Por fim, aqui vemos que por parte de Kurtz a intenção é a busca pelo marfim a qualquer custo e ao mesmo tempo em que ele se julgava o defensor do progresso, ele também era capaz de contradizer-se com suas ações. Para concluir, cito: “desvio superpôs a norma que o orientara” (LIMA, 2003, p. 324).

2.2 - Breve nota a respeito de Marlow de *Coração das trevas* à luz da sua própria consciência falsamente esclarecida

Sloterdijk apresenta três formas de falsidade em sua crítica a razão cínica, que são: a mentira, a ilusão e a ideologia. Sabemos que desde o século XVIII, o processo modernizador tentou erradicar três formas do falso e, com a crítica ideológica da sociedade estagnada pelo ideal do conhecimento e sem como seguir em frente, deixou-se absorver pela força onívora da quarta falsidade, com a qual fez seu pacto silencioso: o cinismo. Charles Marlow, protagonista de *Coração das trevas*, nos servirá de exemplo paradigmático para os apontamentos pertinentes a concepção das multifaces do discurso cínico moderno juntamente com o seu correlacionado problema da indiferença.

A saber, Marlow quando conta a história que o levou ao encontro de Kurtz na desembocadura do rio do Congo, enquanto aguardava a maré do rio Tâmisa subir, encontra-se dominado por uma falsa consciência ilustrada e também por uma ideologia reflexiva. Em

que elementos isso se configura? Se observarmos a partir do que enuncia, ele pode ser cifrado como um cínico no seu sentido vulgar, afinal, ele é incapaz de parar com seu avanço até a desembocadura do rio do Congo e de também distinguir as forças que por sua vez dividem sua consciência. São elas: a autonomia e a alienação. Acontece que o império do qual faz parte engendra uma espécie de cinismo universal difuso, que o corrompe. Charles Marlow também elucida com seu discurso bufão os ideais de liberdade. Esses ideais se invertem e passam a exercer o monopólio da mentira ocidental. A Bélgica no século XIX, mesmo período ilustrado por Conrad na novela em questão, explorava o marfim do Congo e tinha de certo modo, o mesmo ideal ilustrado por Conrad pela parte da empresa que no mesmo Congo, cometia as mesmas ações de levar a bandeira altruísta; civilizar e educar os bárbaros. Portanto, esse privilégio exclusivo dessas nações esconde-se na lógica ambígua do cinismo e com isso, torna-se difícil o identificar, pois a dinâmica ambivalente entre o cinismo antigo e o moderno enevoa a linha tênue entre a liberdade e domesticação. Some-se a isto que o personagem Marlow mente, sobretudo, quando diz a verdade. Ele basicamente a falsifica quando tenta salvar o seu elixir salvador que mascara a verdadeira intenção de sua empreitada enquanto subia o rio do Congo. Basicamente, ele faz uso do marketing da falsidade para parecer ser honesto a seus companheiros de passeio no Tâmis; desse modo, sua falsa transparência alimentou a commodity do seu cinismo enquanto era testemunha das barbáries cometidas pelos exploradores nas margens do rio. Nesse ponto, lembramos que o processo de mudança da atividade antiga do cinismo - “kynismos” para o cinismo e/ou “Zynismus” moderno ocorre no momento em que há uma troca de lado; ou seja, quando uma potência crítica, em nosso caso, o protagonista Charles Marlow, passa paulatinamente a assumir a lógica dos senhores na história que conta; nesse ponto, podemos concluir que o protagonista da história de Conrad ao assumir um discurso matreiro, torna-se de certo modo a forma cifrada e representativa do pensamento moderno vigente no século XIX no que diz respeito às campanhas de dominação ocorridas nas nações periféricas que estiveram sujeitas ao jugo dos impérios europeus. Diante disso, vale dizer que ele próprio diz que gradativamente passa a fazer parte do empreendimento do qual ele adjetivou, como identificamos, *erroneamente* de modo positivo. Erroneamente, pois, quando Marlow diz que o empreendimento é “nobre” e “justo” (CONRAD, 2002, p, 73), ele está se referindo à própria exploração da qual foi testemunha. Entendemos que aqui a

razão cínica passa a ser um fantasma bastante presente, pois a vetorização com os distintos níveis de incisividade equaciona-se no sentido de realizar uma avaliação cujo exame preocupa-se, sobretudo, com as possibilidades e problemas que incorre a investigação da *razão cínica* a partir da relação mantida entre a obra e o seu entorno social, como é o nosso caso em análise de Conrad, cuja apoteose realista e o modo de tratamento para com presente histórico é sério. Nesse sentido, o segundo cinismo *Zynismus*, como foi caracterizado, pode ser representado pelo protagonista Charles Marlow enquanto testemunha, pois, ele legitima o horror ocasionado pela empresa que trabalhava que tinha por base uma lógica de um sistema insuficiente: dinheiro, mercadoria e mais valia. Sistema que por sua vez necessitava do emprego de uma despesa que não retorna, nesse caso podemos pensar nas mortes engendradas por Kurtz como punição ou domesticação dos negros daquela parte do Congo belga.

Nessa ótica, percebe-se que o cinismo é a alternativa tanto de Marlow, imerso na imensidão africana, quanto da empresa que o empregava. Essa injunção é também pela observação de que Marlow é um narrador que a todo tempo se auto justifica, ele parece ao mesmo tempo estar dentro e fora daquilo que narra a seus companheiros. Em outras palavras, a razão cínica se faz presente no discurso desse narrador na medida em que pouco a pouco ele vai se tornando cúmplice do horror e da violência que sua própria fala é capaz de denunciar de forma cifrada e matreira.¹¹ Para melhor esclarecer, ainda se faz necessário ponderar que Marlow é capaz de perceber que, do ponto de vista dos negros sendo espancados ele talvez não seja muito diferente dos verdugos que exercem sobre eles (negros) a violência direta.

¹¹ Nesse sentido podemos pensar que Coração das trevas nos mostra o fato de que quando o homem se vê fora da vigilância do outro, nesse caso, em um ambiente selvagem, ele se corrompe, torna-se o agente do horror. Ver CONRAD, 2002, p. 87. Ainda vale notar que Kurtz não pode ser aqui tomado como sendo um cínico na sua segunda concepção, pois ele é muito mais uma vítima do próprio sistema que fazia parte, é como se ele estivesse corrompido pela ganância desencadeada pelo sistema de exploração de marfim; já Marlow, no sentido do cinismo moderno identificado pelos alemães como “Zynismus”, levando em conta a suas construções sintagmáticas, pode ser plausivelmente tomado como um cínico, ao contrário do grego.

Para efeito de contextualização, é claro que é importante sempre ter em mente a corrida imperialista na virada do XIX - ainda que menos como um evento linear que precisaríamos reconstruir do que como uma situação que tende a tornar cada vez mais remota a possibilidade de estabelecer uma nítida linha demarcatória entre civilização e barbárie, dessa forma, ainda mais uma vez, se faz valer dizer que o correlato eloquente e bufão de Marlow se apresenta, sobretudo, com uma fala volúvel que parece sempre estar se desresponsabilizando e tirando o corpo fora. (CONRAD, 2002, p.42-3)¹². Senão, vejamos no tópico que subsegue.

2.2. 1 Marlow no *Coração das trevas* de uma Razão Cínica

A situação pavorosa para a qual o *Coração das trevas* aponta vai se refratando no plano mais microscópico de sua literatura e isso, como dissemos se dá no romance através da súbita igualação de coisas aparentemente incomensuráveis no espaço de um único sintagma. Marlow pula sem mais cerimônia de um substantivo para o outro - enlaçando com uma conjunção aditiva matreira termos completamente incomensuráveis, a exemplo disso, a comparação que ele faz do procedimento do qual é testemunha - cúmplice como uma espécie “brincadeira” “sinistra” senão vejamos: “Havia um quê de loucura no procedimento, uma impressão de brincadeira sinistra na visão”(CONRAD, 2002, p. 26)¹³. Essa junção de termos incomensuráveis em um espaço de um único sintagma pode ser tomada como uma estratégia de velamento do seu discurso.

¹² Esse personagem Marlow quando vê os negros sendo espancados, por motivos aparentemente banais, ou quanto perde um companheiro Timoneiro por uma lança que o atravessou, encara esses acontecimentos de forma fria e com extrema normalidade.

¹³ Se observarmos nesse ponto, há uma junção de termos que são incomensuráveis em um espaço de um único sintagma; - isso pode ser explicado pelo fato de que uma “brincadeira”, no seu sentido corrente, não pode ser “sinistra”, pois se acaso for tal ação, ou ato de brincar sinistro, logo deixará de ser uma “brincadeira”, afinal, uma brincadeira não é de modo algum algo que poder ser tomado como sinistro.

No mundo apresentado por Charles Marlow, em sua versão miniatura, vemos que tudo pode ser trocado por tudo, desde que se tenha dinheiro. Um mundo que tem precisamente na forma mercadoria, a sua categoria pivô. Por isso, com efeito, ele universaliza o dever e ignora valores que consideramos fundamentais e, através de artifícios retóricos, é capaz de nos privar do poder de distinção entre a literariedade do enunciado e o sentido presente no nível da enunciação.¹⁴ Se não observarmos isso, facilmente seremos levados, da mesma forma que seus interlocutores no estuário do Tâmbisa, ao led¹⁵ engano. Isso por que, a supressão idealista¹⁶ dos costumes dos selvagens e a ideia de altruísmo desfazem-se com a exploração e genocídio representados em *Coração das trevas*. É como se a realidade da obra expressasse a multiplicidade de impressões que toma de assalto o homem moderno. E a sua narrativa fosse uma constelação de percepções fugazes e atomizadas, o que faz com que ela se afaste de uma totalidade coerente, isso por ela (narrativa) ser indireta e oblíqua (WATT, 1979, pp. 169–80)¹⁷; com efeito, isso sugere a absoluta impossibilidade de entender a experiência de Marlow e de confiar na veracidade do seu relato. Vale ressaltar ainda que em um dado momento, Marlow diz a seus interlocutores no estuário do Tâmbisa: “Não via o homem no nome tanto quanto vocês. Vocês vêem? Vêem a história? Vêem alguma coisa?” (CONRAD, 2002, p. 44) Aqui, mesmo que Marlow não tenha entrado nos aspectos principais da história, ele demonstra sua dúvida sobre a possibilidade de sua aventura ser perfeitamente transmissível, comparando-a um relato de um sonho:

¹⁴ Aqui, o sentido de literariedade foi tomando segundo a concepção de Eikenbaum, ou seja, a de que o objeto da ciência literária, deve ser o estudo da particularidades específicas dos objetos literários.

¹⁵ Aqui, a palavra “ledo”, antecedendo “engano”, foi usada no sentido de: Facilmente se enganar, ou melhor, estar cego diante dos fatos.

¹⁶ É como se as nações europeias fizessem uso de um manto ideológico, onde missionários embrenham-se nas matas com a desculpa de que a palavra de deus estaria sendo levada aos bons selvagens. Tal manto sagrado, dessa missão altruísta e civilizatória, tem como finalidade acabar com o tráfico de escravos, levando ainda a luz da civilização europeia às trevas da barbárie.

¹⁷ Ian Wat em *Conrad in the Nineteenth Century* observa em *Coração das trevas*, exemplos “clássicos” do emprego de técnicas relativas ao impressionismo.

“[...] parece que estou tentando lhes contar um sonho – fazendo uma tentativa inútil, porque nenhum relato de sonho pode transmitir a sensação de sonho[...]” (CONRAD, 2002, p. 44). Ainda assim e indubitavelmente. A situação dos ouvintes, até mesmo de um narrador vivo, interpretada na voz de Marlow, não é muito melhor, pois o que a história deve transmitir através das palavras não é o fato, mas a sensação de vida atrás do fato que constitui sua verdade, seu significado; ou melhor, sua essência sutil e penetrante. No entanto, a história não deve ser transmitida pelo fato, ela deve sim demonstrar a sensação de vida. Além disso, para Marlow, o significado da história seria o mesmo que a sensação de um sonho, ou seja, impossível de ser transmitido por meio de uma narrativa. Nesse sentido, é como se o significado do episódio que nos é contado pelo narrador homodiegético estivesse dentro de um caroco e a história fosse uma casca de noz cujo significado é o processo destrutivo e inevitável onde estão inclusos seres civilizados (colonizador) e bárbaros (colonizados). O primeiro é submetido ao isolamento moral, o que pode levá-lo à corrupção.¹⁸ Já o segundo é surpreendido pelo processo desencadeado pelo primeiro.

Da mesma forma que a casca de noz, agora é o halo ao redor da luz o significado que envolve propriamente a história; assim, de igual modo a um sonho, a história vivida por Marlow é impossível de ser transmitida, já que narrativa alguma a respeito de um sonho pode transmitir de fato a sensação do sonho. Segundo essa metáfora ou analogia proporcional de Marlow, os fatos de um sonho estão para a sensação do sonho, portanto, os fatos de uma vida estão para a sensação de uma vida; pois a sensação pode apenas ser vivenciada diretamente e não pode ser comunicada aos outros nem via oral nem escrita. Desse modo e nesse mesmo contexto: “Vivemos do mesmo modo que sonhamos – sozinhos [...]” (MILLER, 1995, p. 208). Por outras palavras, o protagonista Marlow quando transforma as histórias que ouviu sobre Kurtz em memória no estuário do rio Tâmsa, ele torna-se uma espécie de mitômano, pois ele opta por mentir, tanto no relato sobre sua aventura no Tâmsa, quanto no momento em que nesse mesmo relato, conta a respeito da mentira com tom de benevolência a prometida de Kurtz a respeito das últimas palavras que o chefe do posto do Congo dissera pouco antes de morrer. Senão vejamos essa mentira:

¹⁸ Ver nota 22.

(...)‘Repita as’, ela (noiva de Kurtz) murmurou com voz amargurada. (...) ‘Sua última palavra - para viver com ela’, ela insistiu. (...) “Eu me recompus e falei pausadamente. “A última palavra que ele pronunciou foi ... seu nome.’ (CONRAD, 2002, p. 113)

Esse fato contradiz, não obstante, o início do relato de Marlow quando inicia a contar a sua aventura no Tâmisia.¹⁹ Marlow diz para os que ouviam a sua história a espera da maré subir que uma das coisas que mais detestava era “a mentira” CONRAD, 2002, p. 48.²⁰ Em suma, o que acontece é que o protagonista de Conrad não ousa dizer quais foram as últimas palavras – “O horror, o horror!” (CONRAD, 2002, p.103) de seu amo a prometida, ele sim, opta por deixar com que o amor flua e recubra a sanha da contravenção de Kurtz. Pode se dizer que com o embuste de Marlow, ele o santifica (Kurtz) e assim desvia o olhar ocidental de sua própria maldade para sua noiva e para seus ouvintes no estuário do Tâmisia.²¹

3. Conclusão

O protagonista Charles Marlow de *Coração das trevas*, à luz de nosso aporte teórico pode ser tomado como um cínico no sentido moderno tanto pelas evidências que acima fizemos inferência quanto pelas aproximações diretas que também fizemos de um modo heurístico remeter. Para isso, a começar, temos que encará-lo como um personagem que sempre dá um jeito em tudo; mesmo que de forma matreira, para conseguir o que quer; também por isso, é preciso estar atento que o seu relato a respeito de sua aventura no Congo é para ricos viajantes estrangeiros no estuário do Tâmisia. Por isso que relatar a verdade para Marlow, em certa medida representa um entrave; por isso, ele prefere relatar o horror da exploração do marfim com extrema naturalidade. Como dissemos, o seu (Marlow) discurso torna-se velado e carregado com um tom de brandura que é diretamente direcionado para aqueles que aguardam a maré subir no presente narrativo dos fatos

¹⁹ Justifica Marlow: “Mas eu não poderia. Não poderia dizer a ela. Teria sido perverso demais – absolutamente perverso demais – absolutamente perverso demais ...” (CONRAD, 2002, p. 113)

²¹ Ver CONRAD, 2002, p. 110.

da aventura da obra de Conrad; já para nós leitores, esse relato chega através de um terceiro filtro, que seria o que ressoa de um suposto terceiro narrador que surge do filtro que há do presente narrativo para a memória daqueles que ouvem a história de Marlow; quem ouve Marlow, supostamente presta o serviço de contar a nós leitores o que ouviu no Tâmisia, por essas e outras articulações narrativas, ocorre a nebulosidade de uma texto denso que se forma a partir de uma constelação que aparentemente é fugaz e atomizada, mas que, porém, no seu centro é organizada de forma orgânica e por isso é dotada de uma unidade semântica que é capaz de denunciar tanto a exploração ocorrida no tempo em que retrata (imperialismo do século XIX), quanto, como é o nosso caso de interesse estético, ser capaz de representar, por via de uma releitura com base de uma aproximação embebida de heurística, a razão cínica que fora concebida por Sloterdijk no campo da filosofia praticamente cem anos após a publicação da literatura de *Coração das trevas*.

Contudo, pela ótica da *razão cínica* vemos Marlow como aquele que não é digno de confiança; Marlow seria o personagem que reconhece e compreende a verdade, porém, a sua aventura o denuncia como um homem que viveu de acordo com uma falsa consciência esclarecida; isso se deve, sobretudo, ao processo reflexivo que fez dividir sua própria consciência.²² Desse modo, portanto, o que vemos é que a “arte da dissimulação” (SLOTERDIJK, 2012, p. 377) conecta se com a reviravolta de uma impudência impetuosa que é provinda de uma consciência que se volta contra o outro de modo açaçapado. Essa consciência de Marlow aqui exemplificada é carregada de uma dualidade que consiste em “um eu e um eu alheio a seu favor” (SLOTERDIJK, 2012, p. 377). Em outras palavras: como é o caso de saltar um tanto quanto abruptamente para uma definição mais genérica

²² Essa oposição, em termos comparativos é: de um lado, temos a consciência preocupada com a moralidade pública, mas que não dá conta de lidar com sua própria razão, por isso, os seus adeptos, ou, os novos cínicos, preferem a consciência que é ao mesmo tempo falsa e verdadeira como tentativa de justificarem seus atos. E de outro, temos a consciência que segue apenas os instintos, nesse caso, entendemos: os *Kynikoi* que, exatamente por isto, se tornam amorais e anti-sociais, no entanto cabe ressaltar que felizes.

nesse ponto: a *consciência falsamente esclarecida* apresenta-se como aquilo que engana e não corresponde à verdade perante a si própria, ela seria a disposição de espírito que inspira atos maldosos praticados conscientemente.

É exatamente por isso que Sloterdijk propõe que a solução ao penetrante cinismo moderno é o retorno ao cinismo grego, que ele escreveu como *Kynikos* para distingui-lo do moderno. A resposta ideal para esse tipo de versão que esconde a verdade seria a busca pela verdade em detrimento dos dizeres da moral que dizem respeito a tal busca; pois, os fatos duros e desvelados devem ser trazidos à tona. O que, contudo faz Sloterdijk utilizar da seguinte argumentação que, por sua vez cabe à interpretação que tentamos aqui inferir a respeito do comportamento de Marlow em *Coração das trevas*: “De certa maneira, “dominar” e mentir são sinônimos. A verdade dos senhores e a verdade dos servos soam diversas” (SLOTERDIJK, 2012, p. 295).

Ainda por outro lado, se tratando do âmbito literário, porém, mais uma vez aproveitando da heurística, narradores desse tipo, que fazem uso de um bom modo de falar e de convencer, tal como Marlow o faz, produzem simpatia. E, como a própria efetividade da retórica, esses narradores podem nos induzir à uma “leitura gravemente errônea de um livro [...]” (BOOTH, 1983, p. 265); o que, de certo modo, mais uma vez, além de nos remeter ao protagonista de *Coração das trevas*, Charles Marlow, também nos serve de alerta para que de fato, o procedimento da leitura desse ou de outro romance possa se dar de modo efetivo. Nesse sentido, aquele que busca no plano microscópico o significado do que lê, no caso, um leitor cauteloso, deve manter certa distância ao interpretar a história que é contada por Marlow; pois sabemos que ele pode ser considerado o centro de referência, já que se apropria da língua e enuncia a sua posição de sujeito na história que narra. Conclusivamente, a significação da narrativa torna-se o próprio ser sujeito da linguagem – Marlow, e isso, o favorece a manter o cinismo no passado vivido e no presente quando conta; nesse sentido, vemos que o cinismo não é determinado só por preceder alguém, mas também pelo fato de que se dirige para alguém. E, por conseguinte, é ainda possível verificar a intenção do narrador que é afetada pelas distorções sofridas pela sua linguagem que por sua vez pode vir a enganar o leitor pela intenção aparente presente no próprio nível da enunciação. Mas não é só isso, também tentamos mostrar, os elementos identificados por Sloterdijk em sua *Critica da razão cínica* como ilustração das várias instâncias que circunda o cinismo moderno, tendo

em vista às proposições acima levantadas que foram lidas à luz de *Coração das trevas*. O que faz com que surja uma releitura possível a essa literatura que aqui foi tomada como um exemplo paradigmático da *razão cínica* e, por isso, representa e/ou torna-se com os personagens apresentados no decorrer do romance a antítese do comportamento aqui também descrito dos primeiros cínicos gregos que, por sua vez, tinham como compromissos: a ética e a liberdade do discurso livre e/ou melhor, a parresía, a fim de dizerem, sobretudo a verdade, independente dos próprios interesses.

Referências Bibliográficas

- BOOTH, Wayne C. *The Retic of Fiction*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1983.
- CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Tradução de Celso Parcionick, Iluminuras, 2002.
- CONRAD, Joseph. *Coração das trevas*. Tradução de Sérgio Flaksman. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- EIKHENBAUM, Boris. *A teoria do método formal*. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). *Teoria da Literatura - formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- FUENTES GONZÁLEZ, Pedro Pablo. “El atajo filosófico de los cínicos antiguos hacia la felicidad”. *Cuadernos de Filología Clásica: Estudios griegos e indo europeos*. Vol. 12, 2002, 203-251.
- GOULET-CAZÉ, Marie-Odile & BRANHAM, R. Bracht, Orgs. *Os Cínicos: O Movimento Cínico na Antiguidade e o seu Legado*. Edições Loyola: São Paulo, 2007.
- LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília, Ed.UnB, 2008
- LIMA, Luiz Costa- *O redemunho do horror: as margens do ocidente*/Luiz Costa Lima- São Paulo- Editora planeta do Brasil,2003.
- MOLES L., John. *Cosmopolitismo cínico*. In: GOULET-CAZÉ, Marie-Odile; BRANHAM, Bracht R. (Org). *Os cínicos. O movimento cínico na antigüidade e o seu legado*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- MILLER, J. Hillis. *A Ética da leitura: Ensaios 1979-1989*. Trad.Elieane Fitipaldi e Kátia Orberg.Rio de Janeiro, Imago, 1995.
- NAVIA, Luis E. *Diógenes, o cínico*.Tradução de João Miguel Moreira Auto.São Paulo: Odysseus, 2009.

PIERING, Julie. "Cynics". *Internet encyclopedia of philosophy*, U. S. A. University of Arkansas at Little Rock. 2006. (<http://www.iep.utm.edu/cynics/>). Acesso em 13/11/2013.

SLOTERDIJK, Peter [2012]. *Crítica da razão cínica*. Trad.: Marco Casanova, Paulo Soethe, Mauricio Mendonça Cardozo, Pedro Costa rego, Ricardo Hiendlmayer]. São Paulo: Estação Liberdade, 2012 .orig.1983.

WATT, Ian, *Conrad in the Nineteenth Century*, (Berkeley, University of California Press, 1979).